



Mediação tecnológica na educação: o uso do *tablet* em uma escola pública da Paraíba¹

Laís Christina Rodrigues da SILVA²
Mariana Borges BRANDÃO³
Lígia Beatriz Carvalho de ALMEIDA⁴

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Resumo

A distribuição de *tablets* em escolas públicas de ensino médio pelo Governo do Estado da Paraíba, no ano de 2013, atendendo às políticas públicas federais de estímulo à inserção das novas tecnologias digitais as escolas, aparentou ser motivada por disposição de adotar novos modelos de ensino. Diante do fato, procurou-se investigar como a ferramenta vem sendo utilizada numa escola de Campina Grande, Paraíba. Desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa exploratória descritiva, com professores e alunos do 2º ano do ensino médio, utilizando questionários e relatos orais. Realizou-se também uma intervenção, norteada por princípios educomunicativos. Os resultados colocaram em evidência que a falta de suporte técnico e de capacitação dos docentes pela Secretaria de Educação comprometeu o alcance de objetivos educacionais.

Palavras-chave

Educomunicação; tecnologias; *tablets*; educação.

Corpo do trabalho

Educomunicação é a abordagem democrática e cidadã que norteia a relação “comunicação x educação” nos mais diversos espaços sociais em que ela se manifesta:

¹ Trabalho apresentado na Expocom – Estudos Interdisciplinares em Comunicação do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Estudante de graduação, 7º semestre do curso de Comunicação Social – Educomunicação – UFCG, email: laiscomunicacaosocial@gmail.com

³ Estudante de graduação, 7º semestre do curso de Comunicação Social – Educomunicação – UFCG, email: educom.mariana@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – Educomunicação, UFCG, email: ligiabia@gmail.com



nos lares, nos ambientes culturais, midiáticos e educativos.

A educomunicação é definida como:

Conjunto de ações voltadas ao planejamento, implementação e avaliação de programas e projetos destinados à criação e desenvolvimento de ecossistemas comunicativos abertos e criativos em todo espaço educativo, mediados pela gestão participativa dos processos e tecnologias da informação (SOARES, apud VOLPI, PALAZZO 2010, p. 8).

O campo de trabalho de seus profissionais – os educadores – é vasto e pressupõe a atuação em diversas áreas de intervenção. Esta pesquisa centrou-se em uma delas: a área da mediação tecnológica em espaços educativos. Nela preconiza-se “o uso das tecnologias analógicas e digitais, assim como de todos os processos comunicativos que envolvem a organização, gestão e educação de pessoas, em determinados espaços, aí incluindo a educação a distância” (SOARES, 2014, p. 2).

No primeiro semestre de 2013, foi realizado, por parte da Secretaria de Estado da Educação (SEE) do Governo do Estado da Paraíba, um investimento de mais de 19 milhões de reais na compra e fornecimento de *tablets* para estudantes e professores da rede estadual de ensino (GOVERNO DA PARAÍBA, 2012). Diante do fato, sobreveio a intenção de observar a forma como o dispositivo estava sendo utilizado no processo de ensino, bem como o desejo de realizar uma intervenção por meio da qual o uso do *tablet* fosse norteado por pressupostos educacionais na aprendizagem dos conteúdos escolares.

Diversos questionamentos surgiram: estariam os professores em exercício preparados para a utilização dessa tecnologia na educação? Que contribuição o *tablet* poderia oferecer para a instauração de um processo de aprendizagem colaborativo sustentado por fluxos de comunicação democrática e multidirecionais entre os alunos, assim como entre eles e os docentes? Um aplicativo desenvolvido com fins educativos para uso em *tablets* seria capaz de despertar o interesse dos jovens e dos professores, trazendo resultados satisfatórios?

A busca de respostas para essas questões incitou a investigação aqui relatada, que tem como **justificativas**: a) o interesse das pesquisadoras em aprimorar seu conhecimento e formação na área da mediação tecnológica na educação; b) a consciência do impacto



que a melhoria dos processos educativos causará no âmbito social; c) a contribuição que o estudo trará para outros estudantes, pesquisadores e interessados no assunto.

O **objetivo geral** deste projeto foi o de compreender como está se processando a inserção de novas tecnologias no processo de construção do conhecimento, tomando por base o uso estratégico do *tablet* no cotidiano de uma escola pública de ensino médio no Estado da Paraíba.

Como **objetivos específicos** determinaram-se: 1) Diagnóstico da situação de uso dos *tablets* antes da intervenção; 2) Investigação dos interesses de aprendizagem dos alunos; 3) Seleção de um aplicativo educacional que pudesse ser utilizado em apoio à educação formal; 4) Planejamento e acompanhamento de uma intervenção educacional.

Desse modo, planejou-se uma prática educacional visando realizar uma oficina com alunos e professores direcionada ao uso colaborativo do *tablet* em auxílio ao ensino-aprendizagem.

O projeto foi guiado por abordagem qualitativa exploratória descritiva, adotada quando se pretende entender melhor um fenômeno, tendo sido desenvolvido em três etapas. Diante da situação encontrada no âmbito escolar, foi realizada uma abordagem com um educador da disciplina de português e 40 alunos com faixa etária de 15 a 18 anos cursando o segundo ano do ensino médio. Na primeira delas, usou-se a técnica da observação levantando dados em campo sobre as dificuldades e formas de apropriação para sondar o comportamento do grupo pesquisado: professores e alunos de uma escola pública de educação básica na cidade de Campina Grande, Paraíba. Na segunda, a partir dos dados coletados na primeira etapa, planejou-se junto com um docente uma proposta de trabalho norteada pelos pressupostos educacionais. Na terceira etapa, aplicou-se a atividade, uma oficina para capacitação dos alunos para a utilização do *tablet*, através de um aplicativo específico relacionado à matéria selecionada.

Educomunicação: conceito e campo de intervenção

A existência de práticas de educação para a comunicação não é nova. O educador francês Celestin Freinet, na década de 1930, e o brasileiro Paulo Freire, na década de 1970 já utilizavam as tecnologias da comunicação para provocar o diálogo.

Célestin Freinet na França e Paulo Freire no Brasil são considerados os desbravadores da área Educação para Comunicação. O francês visava



mudanças na estrutura e pedagogia escolares, o brasileiro buscava uma reorganização sócio-política do mundo – havia muitas semelhanças entre eles. Ambos tinham uma concepção política da educação, acreditavam na não neutralidade do ato pedagógico, sustentavam o diálogo e a colaboração, alertavam para a manipulação do ser humano e, sobretudo, estavam convictos da possibilidade de transformação do indivíduo e da sociedade. A via de acesso eram a livre expressão, o diálogo e a cooperação (SARTORI; SOARES, 2014, p. 8).

No entanto, paradigmas atuais encontram-se em processo de autonomia em uma era que solicita educar com o apoio das tecnologias da comunicação de forma a ampliar significados e trazer novas formas de percepção da realidade. No Brasil, os estudos e experiências se avolumaram nas áreas de comunicação e educação. Entre 1997 e 1999, foi desenvolvido um estudo pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), confirmando a existência de um novo campo, resultante da inter-relação entre educação e comunicação, denominado Educomunicação (SOARES, 2011)

O termo educomunicação é contemporâneo e está ligado às práticas educativas e pedagógicas que buscam qualificar a relação entre os indivíduos e a comunicação de massa. Esta inter-relação permite que o sujeito passe a ser colaborativo e tenha participação ativa no meio midiático. A educomunicação, ainda está ligada à concepção de que o indivíduo receptor passe a interagir diretamente na construção de conteúdo, não sendo apenas mero reprodutor de informação, e sim de conhecimento, possibilitando a interdisciplinaridade e a capacidade de intervir positivamente nas áreas comunicativas.

O novo campo, por sua natureza relacional, estrutura-se de um modo processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais, através de áreas concretas de intervenção social. A interdiscursividade, vale dizer, o diálogo com outros discursos, é a garantia da sobrevivência do novo campo e de cada uma das áreas de intervenção, ao mesmo tempo que vai construindo a sua especificidade(...) (SOARES, 2011, p. 25)

A educomunicação está preocupada com os sujeitos e suas práticas na aprendizagem dos conteúdos, com aquilo que os sujeitos serão capazes de fazer com o conhecimento e as ferramentas de que se apropriaram, procurando entender como está a recepção da informação, e muito mais além, como está o aprendizado. Com o aumento da capacidade de intervir e colaborar na comunicação, a educomunicação preocupa-se ainda



em promover a informação com transparência e clareza, em qualquer conteúdo que esteja sendo abordado.

Em face das novas tecnologias, evidencia-se uma nova organização de tempo e espaço e uma grande diversidade de condições que permitem estabelecer um posicionamento crítico e reflexivo dos sujeitos. Nesse sentido, os ambientes colaborativos contribuem para a criação de um espaço rico de aprendizagem individual e coletiva em que os sujeitos, através das suas próprias experiências, reflexões e saberes, cooperam com o desenvolvimento do trabalho, participando diretamente do exercício coletivo em que produziram e acumularam saberes. Esses ambientes possibilitam também um espaço de aprendizagem para todos os envolvidos em um processo multiplicador, através das comunidades virtuais e das ferramentas tecnológicas.

As comunidades virtuais são a expressão daquilo que as pessoas buscam viver e vivem desde sempre: em comunidades. Acontece que o elemento mediador dessa convivência é a comunicação e o uso de todos os seus meios e linguagens e, especificamente, no caso das comunidades virtuais, as mídias sociais. O caminho da educomunicação propõe a adoção das comunidades virtuais com todos os cuidados e sem temores, adotando uma pedagogia de convívio criativo, crítico, positivo e reflexivo com as novas tecnologias. (SOARES; PIGNATARI, 2011, p.7)

Produzir **ecossistemas comunicativos** é para a educomunicação a condição básica de toda ação comunicativa no espaço educativo, “os indivíduos e as instituições podem pertencer e atuar, simultaneamente, em distintos ecossistemas comunicacionais, uns exercendo influências sobre os outros” (SOARES; MACHADO, 1999, p. 9).

Segundo os autores, o conceito de ecossistema comunicacional “designa a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o modus faciendi dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional” (ibid, p. 8).

Esta pesquisa insere-se na área de intervenção da mediação tecnológica na educação, em que o uso das tecnologias da informação no processo educacional conquista cada vez mais espaço, considerando assim, que as ferramentas tecnológicas contribuem de forma colaborativa na disseminação e produção de conteúdos entre o educador e educando, apesar de que tais mudanças foram responsáveis pela resistência do professor em dialogar com as novas tecnologias (SOARES, 2011).



Soares e Machado (1999, p. 8) explicam a configuração dessa área de intervenção:

Compreende os procedimentos e as reflexões em torno da presença e dos múltiplos usos das tecnologias da informação na educação. A área da mediação tecnológica na educação vem ganhando grande exposição devido à rápida expansão dos sistemas de educação, tanto o presencial, quanto o a distância. Sabemos que os recursos tecnológicos clássicos, como o rádio e a televisão, tiveram dificuldade de serem absorvidos pelo campo da educação, especialmente por seu caráter lúdico e mercantil. Tal fato foi o principal responsável pela resistência dos educadores em dialogar com as tecnologias. O computador veio abalar essa dicotomia, pois possui em si mesmo os meios de produção de que o pequeno produtor cultural - o aluno e o professor - necessitam para seu trabalho diário.

Nota-se que as possibilidades oferecidas pelas inovações, proporcionadas pelas novas tecnologias, facilitam o aprendizado e trazem muitas experiências com o uso desses instrumentos a favor da educação. O advento das novas tecnologias possibilita modificar ainda a prática de ensino-aprendizagem em sala de aula e nos diferentes setores de intervenção educacionais. Tal mudança envolve os currículos escolares, as instituições educacionais formadoras de profissionais e programas e projetos desenvolvidos junto à grade curricular de cada área.

Para Martín Barbero (2002), a escola muda quando permite a entrada da tecnologia, com dispositivos de produção de conteúdo e repetindo: com o propósito de transformação dos modos de perceber, de saber, e de sentir. O que implicaria em agrupar as novas tecnologias de comunicação e informação como tecnologias intelectuais e como auxílio na construção de ensino aprendizagem.

O educador buscará ultrapassar as barreiras existentes, mostrando de maneira clara e eficaz como o uso das novas tecnologias influencia positivamente no crescimento intelectual do aluno, de forma objetiva e dinâmica. Preocupar-se-á assim, com o desenvolvimento do aprendizado, por meio de reflexões acerca da formação diante dos múltiplos usos e significados ligados às novas tecnologias.

Ao implantar recursos relacionados às novas tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem no âmbito escolar, surgem novos paradigmas quando se trata da aprendizagem coletiva e em rede, conceitos que serão apresentados no tópico a seguir.



Aprendizagem coletiva e aprendizagem em rede: novos paradigmas

Com o uso das novas tecnologias de comunicação e informação no meio educacional, evidencia-se a necessidade de interligações constantes nos processos de ensino- aprendizagem, exigindo a ligação entre o aprendiz e os novos padrões de disseminação de conteúdo. As novas mídias vêm somar neste processo, fortalecendo o trabalho entre educador e educando. O *tablet* é um recurso cada vez mais presente na vida dos jovens estudantes brasileiros, que por intermédio da educação poderão potencializar sua utilização para a autoeducação nos espaços de aprendizagem coletiva.

Nesse sentido, o leque de possibilidades se torna amplo com a inserção da aprendizagem coletiva, ou seja, estamos na direção da potencialização do pensamento, imaginação e percepção do indivíduo, propiciadas pelo uso das novas mídias e dos dispositivos tecnológicos que permitem novas formas de cooperação e compreensão de conteúdos em tempo real. O professor assume o papel de gestor da aprendizagem, como mentor das novas metodologias e didáticas, e ambos, professor e aluno, compartilham os recursos informacionais de que dispõem por meio dos ambientes virtuais.

As ferramentas digitais permitem a troca de informação, e também a colaboração, ambas fundamentais para o processo de cocriação, em que num ambiente colaborativo de construção de conhecimento todos os envolvidos irão interagir seus saberes intelectuais numa tentativa de compreender, explorar e compartilhar, os diversos materiais informacionais disponíveis em rede.

Pierry Lévy (apud MACIEL, 2014) acredita que o ciberespaço será o principal ponto de apoio de um processo ininterrupto de aprendizagem e ensino da sociedade por si mesma, conforme as perspectivas assumidas em conferências internacionais de educação do direito de “aprender por toda a vida”.

Considera-se que diante da colaboração intelectual, a concepção coletiva de ideias se dá fundamentalmente apoiada pelo uso das novas mídias, e mais particularmente pelo ciberespaço. A conexão cada vez mais ativa entre os indivíduos contribui para ações ativas, pensando assim na atuação do educando com as novas tecnologias, onde a inteligência coletiva predomina no meio tecnológico com o uso das ferramentas educacionais, ou seja, onde a maior parte do aprendizado acontece em grupos, facilitando o caminho do crescimento intelectual colaborativo.



Pierry Lévy (1998) define a Inteligência Coletiva (IC) como uma partilha de funções cognitivas, com o imaginário, a percepção e o aprendizado, que podem ser mais bem compartilhadas quando aumentadas e transformadas por sistemas técnicos e externos dos usuários, possibilitando a imaginação e melhor compreensão dos conteúdos, o que resulta na aprendizagem coletiva através da troca de conhecimentos e experiências.

Novas tecnologias na educação: dispositivos digitais e aplicativos

Nos dias atuais com o crescimento massivo do uso das novas tecnologias, a sociedade busca uma maneira simples e prática de obter informações através de ferramentas que a conecte de maneira eficaz ao mundo virtual, um sistema que disponibilize diversos meios de comunicação e interação entre os seres. Porém, o uso indevido dessas ferramentas, como por exemplo, os *tablets*, smartphones e afins, de nada complementam na educação formal do cidadão, se não forem utilizadas com o intuito de transformar o estudante de receptor passivo, para um receptor ativo. Para Grinspun (1999, p. 29) é preciso “Formar um indivíduo na sua qualidade de pessoa humana, mais crítico e consciente para fazer a história do seu tempo com a possibilidade de construir novas tecnologias, fazer uso da crítica e da reflexão...”

As novas tecnologias da informação e da comunicação, mais conhecidas como NTIC’S, reúnem tecnologias e métodos vindos da Revolução Informacional, ocorrida na década de 70 a 90, tecnologias essas que vieram para revolucionar a agilidade e veiculação de informações na rede (INFO ESCOLA, 2014). Podemos destacar o uso dos *tablets*, smartphones, câmeras digitais e afins como produtos de interatividade social no cotidiano das pessoas.

Partindo desse pressuposto, observou-se que o *tablet* pode ser inserido de maneira significativa na atividade cotidiana de alunos e professores do ensino formal. A ferramenta é capaz de conectar o usuário ao mundo virtual de maneira simples, podendo ser utilizada com finalidade didática, a fim de romper paradigmas tradicionais existentes nas escolas.

Um dos deslocamentos a serem contemplados, numa visão mais dialética da presença tecnológica no mundo, diz respeito à transferência de um modelo de comunicação linear a um modelo em redes, de comunicação distribuída. E este fato desestabiliza definitivamente os modos tradicionais de se fazer a educação (SOARES, 2014, p. 8.)



Esses dispositivos móveis possibilitarão que o educador se torne produtor do seu próprio material didático, incluindo objetos e ambientes virtuais de aprendizagem. Assim, terá oportunidade de dinamizar suas aulas, colaborando para a maior fixação de conteúdos ministrados no dia a dia do período letivo, pelos estudantes.

As novas tecnologias devem privilegiar a construção cooperativa e colaborativa de conhecimentos na formação da opinião e do aprendizado. Com o uso das novas tecnologias, o estudante tem acesso a um amplo espectro de informação, a diversos pontos de vista e distintas percepções de uma mesma realidade.

O ideal é estabelecer uma relação menos formal entre professor e aluno, que permita o diálogo bilateral entre ambos e a constituição de ecossistemas comunicativos nas instituições escolares em auxílio ao desenvolvimento da leitura crítica, e não mais passiva do conteúdo que trafega nas novas mídias.

As comunidades virtuais, sejam elas dedicadas à educação formal ou à educação aberta e a distância, constituem-se não apenas por alunos e professores que atuam e interagem através de diferentes mídias digitais, mas também por um corpo coletivo híbrido que transpõe o embate entre o real e o virtual e corrompe barreiras políticas e geográficas (PASSARELLI; JUNQUEIRA, 2012, p. 19).

O “app” (aplicativo) utilizado neste projeto educacional, o “Nova Ortografia”, foi desenvolvido pela UNIASSELVI – Universidade Metropolitana de Blumenau - SC, junto ao NEAD (Núcleo de Educação a Distância), com o intuito de valorizar o aprendizado cooperativo.

A figura 1 a seguir apresenta a tela inicial do aplicativo.

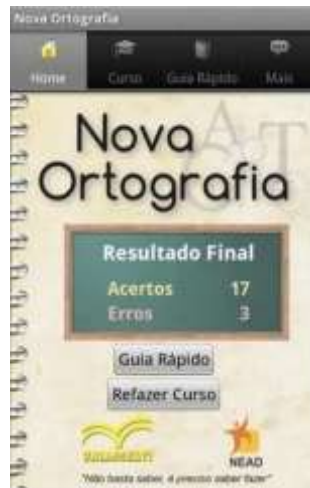


Figura 1 - Home

Fonte: GOOGLE, 2014.

Os conteúdos são relacionados à mudança na ortografia. O aluno também é incentivado a responder questões em formato de quiz para desafiá-lo a explorar os seus conhecimentos envolvendo o alfabeto, hifenização, uso do trema e acentuação na língua portuguesa.

Divide-se em quatro etapas apresentadas na figura 2.



Figura 2 - Curso

Fonte: GOOGLE, 2014.

As próximas figuras (3, 4, 5 e 6) exemplificam o conteúdo de cada uma dessas etapas.

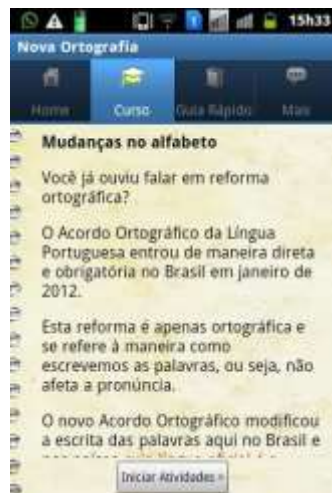


Figura 3 – Etapa 1

Fonte: GOOGLE, 2014.

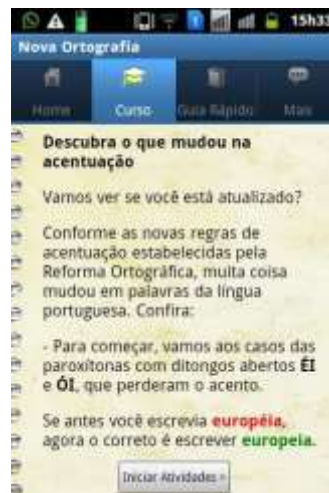


Figura 4 – Etapa 2

Fonte: GOOGLE, 2014.

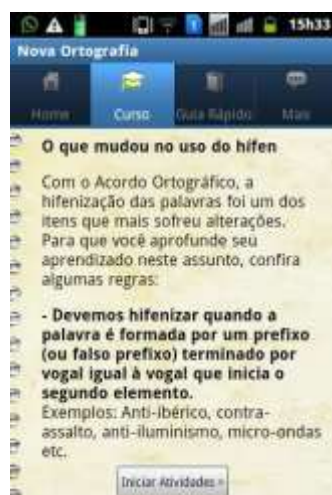


Figura 5 – Etapa 3

Fonte: GOOGLE, 2014.

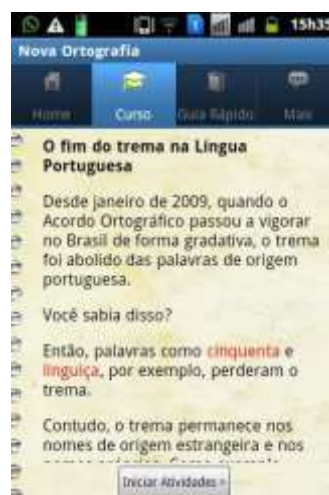


Figura 6 – Etapa 4

Fonte: GOOGLE, 2014.

Ao concluir o curso o aluno tem livre acesso para a aba que corresponde ao Guia Rápido, contendo palavras que passaram por mudanças ortográficas, como mostra a figura 7.



Figura 7 – Guia Rápido

Fonte: GOOGLE, 2014.

O aplicativo demonstra a praticidade do usuário em buscar uma ferramenta tecnológica que auxilie em seu currículo escolar de maneira eficaz. O conteúdo é bem exemplificado, após a realização das quatro etapas, o usuário ainda é contemplado com uma lista completa das principais mudanças ocorridas no novo acordo ortográfico, por fim, na tela inicial, mostrada na figura 1, é possível qualificar o desempenho do estudante através dos números de erros e acertos obtidos.

É importante deixar claro que a presença de um mediador/gestor para auxiliar no manejo de novas ferramentas de ensino, dinamiza o processo de aprendizagem criando um ambiente de colaboração entre os indivíduos, tornando-se a atividade assim objetiva e eficaz.

Pesquisa de campo

Apresenta-se a demilitação da pesquisa de campo, qualificando os envolvidos e os recursos utilizados em cada etapa.

Dinâmica das atividades

1ª etapa: Do primeiro encontro participaram aproximadamente 20 docentes e a diretora da escola em que se procurou entender como estava sendo utilizado o *tablet* e em seguida foi mostrada a proposta de intervenção. Os indivíduos demonstraram interesse por seu desenvolvimento. Na mesma ocasião marcou-se uma nova visita, com o objetivo de conhecer os alunos e seus interesses relacionados às tecnologias digitais educativas.



2ª etapa: No segundo encontro aplicou-se um questionário almejando investigar as dificuldades e interesses dos alunos quanto a aprendizagem tecnológica em sala de aula. Buscou-se investigar: 1. A utilização dos *tablets* com finalidade de aprendizado dos conteúdos curriculares; 2. Os aplicativos utilizados cotidianamente; 3. As dificuldades em utilizar o *tablet* educacional; 4. Como acontece a interação da aprendizagem a partir da colaboração do professor; 5. A disciplina de maior e menor afinidade. Além disso, houve uma conversa informal com os alunos, onde coletou-se dados referentes as dificuldades do uso do *tablet* de modo geral, como por exemplo: Assistência técnica, problemas de configuração, e o manuseio em sala de aula. Ainda neste momento foi averiguada a dificuldade apresentada pelos alunos referente à disciplina de Língua Portuguesa quanto a produção de textos e o novo acordo ortográfico. A partir disto, as pesquisadoras definiram o aplicativo que iria ser utilizado na intervenção. Em seguida solicitou-se que os *tablets* fossem trazidos para a sala de aula para realização da terceira etapa da pesquisa, que ocorreu uma semana após o encontro.

3ª etapa: No terceiro encontro, realizou-se a configuração do *tablet* a partir do manual de configurações básicas do *tablet* educacional. Após esse momento, dividiu-se a sala em dois grupos de dez alunos, que se prestaram a participar da oficina, pois os outros vinte não estavam interessados ou em posse da ferramenta. A partir disto, cada grupo foi encaminhado para o laboratório de informática onde foi apresentada a proposta de intervenção da oficina, dividindo-se em algumas etapas:

1. Pesquisa no google sobre o conceito e objetivo do aplicativo Nova Ortografia;
2. Realizou-se o download e em seguida mostrou-se como funciona o aplicativo, que contém 4 etapas entre conteúdo e quiz;
3. Os alunos estudaram o primeiro conteúdo disponibilizado no aplicativo, sobre as mudanças no alfabeto e em seguida responderam ao quiz;
4. Após isso, foi proposto que os alunos relatassem oralmente a experiência e em seguida aplicou-se um questionário qualitativo sobre a oficina desenvolvida
5. Finalizando o encontro, foi explicado aos alunos a importância da aprendizagem colaborativa e os processos de melhoria contínua na utilização da ferramenta e com o auxílio de aplicativos que estejam relacionados às matérias curriculares.

Para expandir os conhecimentos junto a outros conteúdos, mostrou-se o aplicativo



“Duolingo” que visa a aprendizagem de línguas estrangeiras e o “Manual de Redação”, abordando os gêneros textuais.

Conclusão

Durante o desenvolvimento do trabalho, uma das maiores dificuldades relatadas relacionou-se ao manuseio do *tablet* (objeto principal da investigação), por não ser possível aos usuários na escola obter a assistência técnica necessária para problemas enfrentados que minimizam seu uso adequado. Outra limitação, que influenciou no resultado, diz respeito a não participação do professor na atividade desenvolvida, considerado um mediador fundamental da aprendizagem no espaço escolar, não contribuiu de maneira satisfatória para a pesquisa, alegando que o cronograma escolar não poderia ser interrompido pois teria que cumprir horário com outra turma.

Analisando os dados desta pesquisa concluiu-se que a opção do MEC, junto ao Governo do Estado da Paraíba, de contemplar escolas públicas com uma ferramenta digital, visando incluir o jovem do ensino médio no espaço virtual de maneira autônoma, evidencia que esta política pública pode estar mais relacionada ao comprometimento do poder público com a indústria da tecnologia e com estatísticas de inserção da tecnologia no ambiente escolar, do que com a otimização do processo de aprendizagem. Durante a execução da pesquisa, esse questionamento surgiu diante de tantas dificuldades relatadas ao uso do *tablet* educacional: Os alunos e professores não podem recorrer à assistência técnica, o professor nunca foi capacitado para utilizá-lo de maneira eficaz. Assim, o desinteresse pela exploração do *tablet* nas aulas, inclusive ao se considerar seu potencial para a multidisciplinaridade, implantou-se no cotidiano escolar.

Em relação aos estudantes, a partir da intervenção eles mostraram uma motivação maior do que aquela encontrada no primeiro encontro, observando as possibilidades de manusear a ferramenta para auxiliar a aprendizagem dentro e fora de sala de aula. Buscando aplicativos, conteúdos e diversos itens, descobriram novas maneiras de aproveitar as tecnologias digitais de forma autônoma.

Assim, para consolidar a intervenção, percebeu-se a necessidade de estabelecer um contato periódico, no mínimo semanal, com os envolvidos, durante todo um semestre, para colher resultados significativos. Não menos importante é oferecer oficinas para os professores, com o objetivo de construir junto com eles, metodologias inovadoras de trabalho, articuladas ao conteúdo que ministram, bem como voltadas para o



desenvolvimento de projetos interdisciplinares, não reduzidas apenas ao aproveitamento de aplicativos prontos.

Firma-se na visão das pesquisadoras a relevância do trabalho constante do educador nas instituições escolares, na implantação de ecossistemas comunicativos que estimulem o diálogo e a reflexão da comunidade escolar sobre o papel das novas tecnologias na vida social e na aprendizagem.

Referências bibliográficas

BARBERO, Jesús Martín. **La educación desde la comunicación. Enciclopédia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación**, 1º ed. Buenos Aires: Norma, 2002.

GOOGLE. **Aplicativo nova ortografia.** Disponível em: < <https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.doissamobile.novaOrtografia&hl=en> >
Acesso em: 12 fev. 2014

INFO ESCOLA. **Novas tecnologias em informação e comunicação.** Disponível em: < <http://www.infoescola.com/informatica/novas-tecnologias-em-informacao-e-comunicacao/> >
Acesso em: 03 fev. 2014

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998.

MACIEL, Ira Maria. **Educação a distância. Ambiente virtual: construindo significados.** Disponível em: < <http://www.senac.br/BTS/283/boltec283e.htm> >. Acesso em: 10 mar. 2014

PASSARELLI, B.; JUNQUEIRA, A.H. **Gerações Interativas Brasil - Crianças e Adolescentes Diante das Telas.** São Paulo: Escola do Futuro/USP, 2012.

SARTORI, Ademilde Silveira. SOARES, Maria Salete Prado. **Concepção dialógica e as ntic: a educação e os ecossistemas comunicativos.** Disponível: < <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf> >. Acesso em: 20 mar. 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. MACHADO, Eliany Salvatierra. **Educomunicação: ou a emergência do campo da inter-relação Comunicação/Educação.** Disponível em: < <http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=45282> >.
Acesso em: 18 mar. 2014

SOARES, Maria Antonia Vieira. PIGNATARI, Rosa Malena. **Educomunicação e mediação tecnológica: colocações conceituais para refletir sobre a possibilidade da prática educacional em ambiências eclesiais.** Disponível em: ≤ http://www2.metodista.br/unesco/1_Eclesiocom%202011/Arquivos/Trabalhos/2.Educomunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20media%C3%A7%C3%A3o%20tecnol%C3%B3gica_RosaMalena%20e%20Maria%20Antonia.pdf >. Acesso em: 24 mar. 2014

VOLPI, Mário & Perazzo, Ludmilla. **Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo! Sistematização da Experiência em Educomunicação.** Disponível em: < http://www.unicef.org/brazil/pt/br_educomunicacao.pdf >. Acesso em: 20 mar. 2014.